

A ARQUEOLOGIA EM SANTA CATARINA NO FINAL DO SÉCULO XIX

MSc. Paola Beatriz May Rebollar

Preservar Arqueologia e Patrimônio

MSc. Tatiana Costa Fernandes

Preservar Arqueologia e Patrimônio

RESUMO

Este artigo tem por objetivo examinar as relações existentes entre a Arqueologia em Santa Catarina no final do século XIX e o contexto histórico europeu dos séculos XVIII e XIX, a partir da perspectiva histórica. Foram identificados os pesquisadores que discutiram a Arqueologia catarinense neste período e as principais questões teóricas que permeavam seus trabalhos. As pesquisas arqueológicas realizadas por cinco pesquisadores refletiram concepções como o dilúvio universal e a inferioridade dos grupos não-europeus segundo a teoria degeneracionista. A perspectiva histórica permite separar as influências das discussões teóricas do período das importantes contribuições destas pesquisas para a formação do pensamento arqueológico.

Palavras-chave: Arqueologia. Sambaqui. Santa Catarina. Brasil

ABSTRACT

This paper aims to examine the existent relationships between Archeology in Santa Catarina in late XIX century and the European historical context in the XVIII and XIX centuries, from a historical perspective. We identified the researchers that discussed Santa Catarina's Archeology in that period and the main theoretical questions in their works. Archeological researches did by five researchers showed universal diluvium and non-European inferiority conceptions, following degeracionist theories. Historical perspective allow to separate the influences from theoretical discussions from relevant contributions of these researches to Archeological thoughts.

Keywords: Archeology. Sambaqui. Santa Catarina. Brasil

Introdução

A ciência arqueológica se desenvolveu no final do século XIX na Europa. Nos países deste continente, diversas descobertas de vestígios de materiais antigos sugeriram a necessidade de estudos mais detalhados sobre as origens e a evolução do homem. Além disso, o movimento imperialista europeu possibilitou novas experiências de contato com grupos culturais de diferentes partes do mundo. Pesquisadores viajaram para diversas regiões do globo, entre as quais Santa Catarina para encontrar explicações sobre o passado da humanidade.

A pesquisa arqueológica em Santa Catarina teve início com as atividades de alguns destes arqueólogos precursores. Suas preocupações científicas estavam relacionadas, principalmente, a compreensão de estruturas arqueológicas específicas: os sambaquis. Estes sítios são compostos por montes de conchas e estão amplamente presentes no litoral do estado.

O momento histórico europeu do final do século XIX pode ter influenciado a formação social e acadêmica dos primeiros pesquisadores que trabalharam em Santa Catarina. O objetivo deste trabalho é examinar as relações entre a Arqueologia no estado e o contexto social europeu neste período. Para tanto,

foram identificados os pesquisadores que discutiram a Arqueologia Catarinense entre 1874 e 1896 (Herrman Meyer, Carlos Wiener, J. B. Lacerda, H. von Ihering e Carlos Rath.). Em seguida, foram apontadas as principais questões teóricas que permeavam seus trabalhos relacionadas às afirmações contidas na bíblia como o dilúvio universal e a inferioridades dos povos não-europeus.

Estas pesquisas iniciais foram desmerecidas devido a suas orientações filosóficas e a deficiências metodológicas. No entanto, as pesquisas realizadas por estes cientistas pioneiros fornecem valiosos informes originais, resultantes de observações diretas de contextos arqueológicos já destruídos. A reflexão histórica pode possibilitar um novo olhar sobre as contribuições destas pesquisas para o desenvolvimento da ciência arqueológica.

A etnologia, a antropologia e a arqueologia europeias

No final do século XIX, a Europa encontrava-se em um momento histórico peculiar. A expansão da industrialização e do liberalismo econômico levou a uma segunda leva de conquistas europeias nos demais continentes (LEAF, 1981; STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004). Enquanto isso, o pensamento intelectual europeu continuava dominado pelo dogmatismo da igreja católica. Os fatos contidos na bíblia eram interpretados como absolutas verdades. Acepções sobre o dilúvio universal, separações da história humana em pré-diluviana e pós-diluviana e a crença de que a idade humana não ultrapassaria os 6.000 anos são comentários comuns em pesquisas deste período (LACERDA, 1881; LOFGREN, 1908; MEYER, 1896; RATH, 1874; WIENER, 1875).

A dominação europeia nos demais continentes permitiu que diversos profissionais, cientistas, missionários, administradores das possessões e naturalistas realizassem pesquisas de campo com diferentes grupos humanos (LEAF, 1981; STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004). As ondas expansionistas europeias levantaram questões como a exploração e dominação exercida sobre os povos nativos (LEAF, 1981; STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004).

Para explicar e justificar a expansão, os intelectuais europeus buscaram os relatos bíblicos, as pesquisas etnológicas, antropológicas e arqueológicas. Segundo a bíblia a humanidade teria uma origem única e, portanto, todos os povos seriam iguais. Mas, considerando o surgimento da humanidade há apenas 6.000 anos, era difícil explicar como os povos dos muitos continentes poderiam ser tão diferentes tendo a mesma origem (STOCKING, 1987). Buscando explicações para este paradoxo, os pesquisadores que desenvolviam seus trabalhos nas possessões europeias nos diferentes continentes contribuíram para a formação do corpo de dados da Etnologia. A ciência etnológica começou a se organizar no final do século XVIII. Seu objetivo principal era *"traçar a história das tribos e raças do homem desde os períodos mais remotos ... descobrindo suas relações mútuas"* (STOCKING, 1987).

Nos países europeus, as análises etnológicas priorizavam diferentes critérios de comparação entre os povos. Na França, o principal aspecto de comparação foram as medições antropométricas, que levaram ao desenvolvimento da Antropologia Física. Já na Alemanha, as preocupações se voltaram para a Linguística e Filologia, através do estudo do sânscrito (STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004).

O contato com povos nativos da África, Ásia e Oceania que não manipulavam a metalurgia levou a reflexão sobre os artefatos de pedra similares encontrados em sítios arqueológicos na Europa. A partir desta reflexão surgiu uma teoria para explicar as diferenças entre as sociedades humanas, chamada de *degeneracionismo*. Esta teoria teve ampla difusão na Europa até o século XIX. A partir da visão degeneracionista, à medida que os povos se afastaram do Oriente Próximo e da crença monoteísta teriam sofrido degeneração moral e tecnológica (STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004).

A partir do corpo de dados da Etnologia se desenvolveu a Antropologia, neste mesmo período. Esta ciência também tratava da diversidade humana, mas analisava os dados de grupos contemporâneos de forma diferente. O centro das discussões deixou de ser a questão unidade-diferenças e se voltou para a busca da origem da civilização. O problema da civilização foi analisado sob diversas tradições intelectuais: *progressivismo*, *utilitarismo*, *positivismo comteano*, entre outras (LEAF, 1981; STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004).

Neste contexto surge a Arqueologia no final do século XIX. Inicialmente, a pesquisa arqueológica era utilizada principalmente para buscar provas ou complementos físicos dos registros escritos. Até então, havia dúvidas de que os restos materiais pudessem ser mais antigos do que os relatos escritos. O foco das investigações arqueológicas iniciais foram apenas os resquícios das civilizações da Antiguidade Clássica, por sua importância cultural para os europeus (TRIGGER, 2004).

Dois eventos transformaram fortemente a perspectiva das pesquisas arqueológicas na metade do século XIX: primeiro a descoberta da Caverna Brixham e depois a publicação de *A Origem das Espécies* de Charles Darwin. A caverna Brixham foi um sítio arqueológico onde foram encontrados diversos artefatos humanos associados à fauna extinta. Apesar de tais associações já terem sido encontradas em outros lugares da Europa no século XVIII, tais descobertas sempre foram contestadas por geólogos tradicionais que as consideravam pré-diluvianas. A caverna Brixham não admitiu contestações, e pela primeira vez os estudiosos tiveram que lidar com uma prova da antiguidade do homem (STOCKING, 1987).

A Arqueologia se diversificou neste período com os avanços das pesquisas sobre a Pré-História. Surgiram as divisões temporais de Paleolítico ou Idade da Pedra e Neolítico, Idade do Bronze e Idade do Ferro. A Arqueologia Pré-Histórica se desenvolveu em duas grandes linhas intrinsecamente ligadas ao Iluminismo. A primeira, iniciada na Dinamarca, procurava estudar o desenvolvimento cultural no Neolítico. A segunda, iniciada na Inglaterra e França, intensificou os estudos acerca do Paleolítico (LEAF,

1981; STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004). Nesta época surge o conceito de “homem primitivo” considerado fóssil vivo de culturas do passado (PROUS, 1999).

A obra de Darwin causou profundo impacto nos meios acadêmicos. O foco das discussões foi alterado e a questão da unicidade da origem humana ganhou novos aspectos. A difusão da abordagem evolucionista promoveu um alinhamento entre a Arqueologia Pré-Histórica e a Etnologia entre 1860 e 1870 que gerou a crença num *evolucionismo cultural unilinear* (TRIGGER, 2004: 76). No entanto, o evolucionismo tomou força a partir do começo do século XX (STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004).

As pesquisas arqueológicas nos diferentes continentes no final do século XIX compartilharam características comuns. Apesar das evidentes especificidades de cada local, o conjunto teórico que deu base a Etnologia, Antropologia e Arqueologia na Europa esteve presente na maior parte dos trabalhos. As conclusões dos estudos em Arqueologia neste período estão permeadas ainda por discussões sobre as acepções bíblicas e sobre a superioridade cultural europeia (PROUS, 1999; STOCKING, 1987; TRIGGER, 2004).

O problema do Sambaqui na arqueologia brasileira

Os registros etnográficos no Brasil datam do início do contato com os europeus. Estes registros tratam, entre outros temas, dos grupos indígenas, seus usos e costumes. Sobre os séculos XVI e XVII em Santa Catarina, existem os diferentes relatos das expedições de S. Caboto (1525), D. Garcia de Moguer (1529), P. Lopes de Sousa (1530), U. Schmidl (1538), do pirata E. Fenton (1581), J. Ortiz de Zárate (1601) e os relatos de indivíduos que viveram entre os índios em Santa Catarina como o religioso B. Armenta e A. Lebron (1538), A. N. Cabeza de Vaca (1545), J. S. de Spinoza (1550), G. Soares de Sousa (1587), o pirata A. Knivet (1596), e os jesuítas J. Rodrigues e J. Lobato (1605-1607) (LEITE, 1940; MELLO, 2005).

Durante o período colonial, o governo imperial não tinha interesse em incentivar o estudo das culturas indígenas para não aumentar o nativismo brasileiro (PROUS, 1980). Isto talvez explique o número reduzido de publicações durante este período. A transferência da sede do império português para o Brasil no início do século XIX modificou esta perspectiva. Naturalistas europeus receberam a missão de estudar a natureza e as populações indígenas nativas. Ainda não havia preocupação específica com a Arqueologia.

Segundo Prous (1999), incentivados pelo interesse de D. Pedro II pela antropologia, surgiram a partir de 1870, as primeiras entidades oficiais destinadas a Arqueologia no Brasil: o Museu Nacional, o Museu Paulista e o Museu de Belém. Estas instituições defendiam pensamentos diferentes sobre vários aspectos arqueológicos, entre eles a questão dos sambaquis.

No final do século XIX, as pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil refletiram as discussões teóricas europeias anteriores ao desenvolvimento do evolucionismo cultural. Os sambaquis logo chamaram a atenção dos pesquisadores. Em torno destes sítios arqueológicos se originou a polêmica sobre sua origem artificial ou natural. A influência dos dogmas bíblicos nas discussões intelectuais europeias pode ser percebida nas análises dos primeiros pesquisadores que trabalharam nos sambaquis brasileiros. Muitos acreditavam que os sambaquis fossem concheiros resultantes da ação do dilúvio que, segundo a bíblia, teria atingido toda a humanidade (PROUS, 1999; RATH, 1874).

A partir dos anos de 1880, o diretor do Museu Nacional, L. Netto mandou várias expedições ao litoral sul do país comandadas por Wiener, Roquette Pinto e Stein. Os resultados destas pesquisas buscaram tornar clara a origem artificial dos sambaquis. No entanto, H. von Ihering, diretor do Museu Paulista, recusou as evidências produzidas por estas pesquisas e continuou defendendo a origem natural de tais jazidas. Esta discussão ficou conhecida como o debate entre "*naturalistas*" e "*artificialistas*" (PROUS, 1980: 88).

Prous (1980) aponta a importância de W. Lund, pioneiro da Arqueologia no Brasil, no reconhecimento científico da origem artificial dos sambaquis. Este pesquisador conseguiu determinar que sítios arqueológicos semelhantes localizados na Dinamarca eram de origem antrópica. Suas técnicas foram utilizadas para o reconhecimento dos concheiros do litoral de São Paulo e Santa Catarina como sítios arqueológicos provenientes da ação humana (PROUS, 1980).

Além da discussão sobre a origem artificial ou natural, as pesquisas sobre os sambaquis brasileiros no final do século XIX enfatizavam também a questão da superioridade cultural europeia. Através de analogias etnográficas, da análise das estruturas observadas nos sítios arqueológicos, bem como, da análise da cultura material, os pesquisadores caracterizavam as sociedades que construíram os sambaquis como culturalmente inferiores aos povos europeus modernos.

Os Sambaquis de Santa Catarina

Em 1874, Carlos Rath, naturalista norte-americano, visitou sambaquis na região de Laguna (Magalhães e Cabeçadas), no litoral sul de Santa Catarina. No artigo, Rath descreveu a geografia da região e os sítios que a população local chamava de sambagués, caieiras, ostreiras, berbigueiras ou casqueiras (RATH, 1874).

Sua pesquisa propôs a utilização de ostras e moluscos como alimentação humana no período pré-colonial. Rath (1874) apontou para a diminuição e o desaparecimento de certas espécies antes abundantes como, por exemplo, o berbigão, *Anomalocardia brasiliana*, nos sítios arqueológicos por ele estudados (RATH, 1874).

Rath (1874) foi um dos primeiros pesquisadores a levantar a possibilidade de que alguns sambaquis seriam sepulturas com o caráter de monumentos. Em suas pesquisas, se preocupou com a análise dos rituais de sepultamentos. Além disso, registrou a existência de estruturas arqueológicas como fogões, com restos de carvão, espinhas de peixe e pedras, usadas como suportes. Ofereceu, ainda, informes objetivos sobre localização, morfologia, altura, diâmetro, composição faunística e distância da costa de várias jazidas diferentes. Por fim, denunciou e registrou o processo histórico de destruição dos sítios arqueológicos em Santa Catarina.

No entanto, Rath (1874) defendeu a tese do dilúvio universal que teria ocorrido em todo o planeta e afetado diversos povos. Entre os povos que haveriam desaparecido com o dilúvio, o autor incluiu os povos construtores de sambaquis. Rath (1874) acreditava que existiam três tipos de sambaquis, quanto ao material, feitiço e construção: o primeiro composto exclusivamente de ostras, o segundo composto de berbigões e outras conchas bivalves e o terceiro formado por diversos tipos de conchas misturadas ao sedimento. Segundo o autor, os dois primeiros tipos teriam sido construídos artificialmente pelo homem: "*à primeira vista qualquer homem de poucos conhecimentos percebe que foram feitos pela mão do homem*" (RATH, 1874:3). Os sambaquis artificiais apresentavam esqueletos e um grande número de objetos de pedra como cunhas, pilões, quebra-coquinhos entre outros. Já com relação ao terceiro tipo, o pesquisador considerou que seriam depósitos "*diluviais*". Este fato poderia ser comprovado pela observação de seus interiores que acompanhavam o declive do terreno (RATH, 1874).

Além disso, a partir dos esqueletos encontrados nos sambaquis estudados, Rath (1874) buscou criar analogias etnológicas entre os povos dos sambaquis e outros povos que já haviam sido estudados, como os Botocudos. Rath (1874) procurou comparar a antropometria, bem como, os rituais funerários destes povos.

No ano seguinte, 1875, os pesquisadores Carlos Wiener, Carlos Schreiner, Frederico Muller e Silva Ramalho foram convidados pelo diretor do Museu Nacional, L. Neto, para investigar sambaquis no sul do Brasil e coletar materiais para as coleções arqueológicas do mesmo museu. Estudaram nove sambaquis na Ilha de Santa Catarina, Itajaí e São Francisco do Sul, no litoral norte do estado (sambaquis do rio Bahú, da Armação da Piedade, do rio Ratoles, de Sanhassú, de Porto Belo, de Luiz Alves, de Cannas Vieiras, do rio Tavares e do rio Cachoeira).

Diante da falta de informações e artefatos sobre os sambaquis brasileiros Wiener (1875) usou sua experiência com as jazidas semelhantes da Dinamarca e se esforçou para estabelecer critérios para a análise das jazidas. Segundo o autor, os sambaquis foram analisados em três aspectos: a) topografia, a forma e dimensões; b) natureza e estado dos materiais; c) disposição dos materiais no interior.

Estes pesquisadores recolheram considerável quantidade de informação com a população local como, por exemplo, a localização das jazidas, idéias sobre sua formação, entre outras. As pesquisas de

Wiener (1875) forneceram dados primários sobre diversos sambaquis que hoje se encontram parcial ou totalmente destruídos.

A partir da observação dos nove sambaquis catarinense e de um enorme banco de conchas na foz do rio Ratonés, Wiener (1875) sugeriu a tríplice origem dos sambaquis. Alguns seriam naturais, formados pelo movimento das marés que levavam lodo até os conjuntos de conchas que morriam sufocadas e se misturavam a outros materiais arrastados. Outros sambaquis de origem “artificial e fortuita” foram construídos sem intenção definida e apresentavam forma e composição irregular. Consistiam em pavimento calcáreo elevado no terreno úmido, formado pelos restos de sua alimentação. Acreditava que os ossos encontrados seriam também restos de alimentação. Considerava que os grupos que construíram os sambaquis como povos sem leis sociais e hierarquicamente inferiores aos construtores do terceiro tipo de jazida: os sambaquis artificiais, monumentos arqueológicos. Tais formações seriam regulares de forma e composição e apresentavam rituais funerários específicos (coloração avermelhada de óxido de ferro). Estas jazidas seriam consideradas "*a primeira pedra de tudo quanto a civilização tem podido erigir de grande e belo*" (WIENER, 1875:2).

Sua postura foi altamente generalizadora e simplificadora tanto dos processos de formação dos sambaquis, como na interpretação do modo de vida da população responsável por tal registro arqueológico (FARIA, 1954). Wiener (1875) não se preocupou com análises profundas dos sítios estudados. Acreditava que a diversidade dos dados coletados seria mais importante do que os amplos estudos. Suas análises se baseiam na idéia da hierarquia entre os povos humanos.

Em 1881, outro pesquisador J. B. Lacerda publicou os resultados de suas pesquisas craniométricas dos enterramentos coletados nos sambaquis Santa Catarina por Wiener (1875). Seu artigo apresentou a preocupação com a destruição dos sambaquis antes da realização de estudos prévios. Refletindo sobre a localização dos sambaquis, sua composição e disposição interior, Lacerda concluiu que os sambaquis não teriam origem proposital. Em oposição a Wiener (1875) descartou a possibilidade dos sambaquis serem monumentos. A partir disto concluiu "*o homem do sambaqui não possuía certamente como os astecas e os peruanos, um cérebro aperfeiçoado às produções artísticas, sua inferioridade cerebral estava mesmo colocada em um nível tão baixo que não lhe permitia pensar em erguer monumentos*" (LACERDA, 1881:5). Acreditava que os construtores dos sambaquis migravam durante o inverno do interior para a costa. Assim, após sucessivas migrações sazonais construíram os sambaquis. Lacerda (1881) também discorda de Wiener a respeito das teorias sobre antropofagia.

As análises antropométricas de Lacerda buscavam também a analogia etnográfica. A partir da análise de apenas 18 crânios tentou determinar o "*tipo etnográfico*" dos habitantes dos sambaquis de Santa Catarina e comparar este tipo com os outros já determinados e conhecidos do Brasil. Até a época de suas pesquisas apenas dois “tipos” étnicos haviam sido estudados e conhecidos: o homem de Lagoa Santa e os

Botocudos (LACERDA, 1881). Apesar da ausência de homogeneidade nos crânios analisados concluiu que *"este tipo... ocupava um nível muito baixo na escala humana e que ele pode ser equiparado aos povos mais selvagens que hoje conhecemos"* (LACERDA, 1881:7). Dessa forma, Lacerda compartilhou com Wiener a postura generalizadora e hierarquizante.

Outro pesquisador que realizou pesquisas em Santa Catarina foi o alemão H. Meyer (1896). Este pesquisador havia realizado pesquisas sobre arco e flecha em grupo indígenas do Brasil Central. Em 1895 percorreu Santa Catarina, Rio Grande do Sul e chegou até Buenos Aires, subiu o rio Paraguai e Paraná e entrou no Mato Grosso. Realizou prospecções no sambaqui Magalhães, em Laguna, por quatro dias. Meyer (1896) ressaltou a importância do registro dos procedimentos de campo e da rigidez com que o trabalho arqueológico deveria ser realizado para possibilitar a construção do conhecimento arqueológico.

Buscou fazer uma ampla revisão bibliográfica para obter analogias com grupos indígenas modernos. Sua discussão também apresentou a questão artificialismo-naturalismo. Acreditava na impossibilidade de formação natural dos sambaquis. Este pesquisador acreditava que a variedade de informações levantadas seria mais relevante do que a profundidade das pesquisas. Também apresentou postura essencialmente generalizadora com conclusões amplas baseadas em poucas análises e dados.

Outro pesquisador que discutiu a questão dos sambaquis de Santa Catarina foi H. von Ihering. Este pesquisador alemão veio para o Brasil para dirigir o Museu Paulista, na segunda metade do século XIX. Especialista em conchas marinhas se considerava o pesquisador mais qualificado para esta discussão (LOFGREN, 1908). Apresentava preocupação com a preparação técnica dos pesquisadores e com a necessidade de experimentação para a construção de metodologias de análises dos vestígios arqueológicos. Segundo Prous (1980), Ihering foi um dos primeiros cientistas a realizar estudos etno-arqueológicos como, por exemplo, usar machados de pedra para cortar árvores. Este pesquisador foi também um dos primeiros cientistas a estudar espécies de peixes nos sambaquis através da identificação de otólitos (PROUS, 1980).

Ihering também baseou suas discussões sobre os sambaquis na questão artificialismo-naturalismo. Inicialmente defendeu a tese naturalista. Para corroborar suas opiniões, utilizou declarações do geólogo Siemiradzki (1898) que acreditava que os sambaquis seriam acumulações naturais de conchas do período quaternário (LOFGREN, 1908). Explicou a presença de artefatos como objetos perdidos por pescadores e de esqueletos como indígenas que se afogaram.

Ihering foi aos poucos aceitando a artificialidade da formação dos sambaquis. Primeiro, admitiu que indígenas poderiam haver enterrado seus mortos nos sambaquis naturais. Quando L. Netto, do Museu Nacional, apresentou jazidas com carvões misturados as conchas, Ihering reconheceu a tese da origem artificial (PROUS, 1980).

Considerações finais

Os resultados das primeiras pesquisas arqueológicas em Santa Catarina apresentaram importantes contribuições para a construção dos conhecimentos sobre os sambaquis. De um lado, trouxeram para o estado as discussões teóricas da Europa, como a origem artificial ou natural destes sítios, as diferentes explicações sobre a formação das jazidas e a constatação da inferioridade tecnológica dos grupos indígenas. Mas, também levantaram algumas questões pertinentes e estabeleceram os primeiros esforços metodológicos para obtenção dos dados.

Os pesquisadores que trabalharam em Santa Catarina no final do século XIX foram responsáveis pelos primeiros registros sistemáticos da Arqueologia catarinense. Suas pesquisas sobre sambaquis priorizaram dois focos de análise principais. O primeiro foco se relacionava com a formação das jazidas e girava em torno da questão artificialismo-naturalismo. A preocupação com a origem dos sambaquis refletiu o momento inicial das pesquisas arqueológicas tanto no estado como no país. Apesar de louvável, este esforço metodológico da tese da origem artificial dos sambaquis trouxe o conceito de uniformidade, de identidade cultural entre seus construtores que se manteve por muito tempo nas discussões arqueológicas.

O segundo foco de análise destas pesquisas estava relacionado à tentativa de estabelecer a inferioridade tecnológica dos grupos construtores de sambaquis. Para tanto, os pesquisadores basearam seus estudos na construção de analogias etnográficas, na análise das estruturas e da cultura material encontrada nos sítios arqueológicos estudados. As analogias eram obtidas através de revisões bibliográficas ou comparações de medições cranianas com as coleções existentes na época. Já as análises das estruturas e da cultura material eram realizadas pela comparação com as tecnologias modernas. Segundo A. Prous (1980:90) aponta:

"a figura de Ihering é bem típica de muitos dos cientistas de século XIX. É interessante notar que, de acordo com as teorias racistas então em voga na Europa e que influenciaram Dom Pedro II por intermédio do embaixador da França, Gobineau, Ihering atribuía aos indígenas um interesse puramente acadêmico. Para ele, o Brasil só se tornaria uma potência quando povoado por europeus e livre dos índios, cuja extinção física chegou a defender".

A partir de dados obtidos em prospecções rápidas estes autores desenvolveram esquemas gerais para explicar o fenômeno dos sambaquis. O momento inicial das pesquisas arqueológicas e a necessidade de propor explicações para os problemas que se apresentavam podem explicar as generalizações propostas.

Por outro lado, as pesquisas arqueológicas realizadas em Santa Catarina no final do século XIX contribuíram para o desenvolvimento da Arqueologia no Brasil. Suas observações detalhadas de jazidas ainda conservadas e seus esforços metodológicos formaram a base da pesquisa arqueológica brasileira.

As questões teóricas que influenciaram a formação acadêmica dos pesquisadores e norteavam suas pesquisas representaram também seus limites. Assim como os arqueólogos do final do século XIX, os pesquisadores atuais também refletem em suas pesquisas o contexto histórico em que estão inseridos e suas escolhas filosóficas. A perspectiva histórica ajuda a diferenciar estas influências das significativas contribuições que todos os trabalhos somam ao conhecimento humano e arqueológico.

Referências Bibliográficas

- FARIA, L. A formulação do problema do sambaqui. *Anais do 31º. Congresso Internacional de Americanistas*: 569 – 577, 1954.
- LACERDA, J. B. O Homem dos Sambaquis, contribuição para a antropologia brasileira. *Arquivos do Museu Nacional* 4: 175-204, 1881.
- LEAF, M. J. *Uma História da Antropologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. 379p.
- LEITE, S. *Novas Cartas Jesuíticas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- LOFGREN, A. Os Sambaquis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* 8: 458-465, 1908.
- MELLO, A. D. *Expedições e Crônicas das Origens: Santa Catarina na era dos descobrimentos geográficos*. Florianópolis: Expressão, 2005. 526p.
- MEYER, H. 1896. Muschelhügel (Sambaki) und Urnenfeld bei Laguna (Brasilien). *Globus* 79: 338-340.
- PROUS, A. P. História da pesquisa e da bibliografia arqueológica no Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural* 5: 11-23, 1980.
- PROUS, A. P. Arqueologia, História e Pré-História. In: Tenório, M.C. (org.). *Pre-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999. p. 19-31.
- RATH, C. Notícia etnológica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil bem como seu interior antes do dilúvio universal. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 24: 287-292, 1874.
- SIEMIRADIZKI, Y. Observações geológicas feitas numa viagem ao sul do Brasil. *Boletim da Academia de Vienna* 3(1): 11 – 22, 1898.
- STOCKING, G. W. *Victorian Anthropology*. New York: The Free Press, 1987. 429 p.
- TRIGGER, B. G. 2004. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo : Odysseus, 2004. 477p.
- WIENER, C. Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brasil. *Arquivos do Museu Nacional* 1: 1-20, 1875.